

As crises e o socialismo

Anton Pannekoek

Link:

<http://aaap.be/Pages/Pannekoek-de-ZK-1913-Die-Krisen-Und-Der-Sozialismus.html>

Digitalização:

<http://aaap.be/Pdf/Zeitungskorrespondenz/Zeitungskorrespondenz-285.pdf>

Entre os muitos fenômenos do capitalismo, as crises econômicas se destacam como aquelas que mais determinam a peculiaridade desse modo de produção e lhe conferem um caráter especial. Por essa razão, as crises também são de extrema importância para o socialismo. E isso em dois aspectos. Assim como o socialismo une a crítica teórica do capitalismo com a luta prática de classes para superar o capitalismo, esses dois lados também aparecem nas crises; eles fornecem uma base para a crítica teórica do capitalismo e têm uma profunda influência sobre o movimento dos trabalhadores, que deve derrotar o capitalismo.

Se não houvesse crises, a crítica teórica do capitalismo seria muito menos vigorosa e poderosa. Certamente, a exploração ainda ofereceria motivos suficientes para a crítica e a luta, mas essa crítica teria um caráter completamente diferente. Ela expressaria apenas uma opinião subjetiva dos trabalhadores, contraposta por uma opinião oposta da burguesia. Em uma ordem social, se algum grupo está mal, ele está insatisfeito; aqueles que estão bem estão satisfeitos. É claro que a insatisfação dos trabalhadores continua perfeitamente justificada, assim como seu esforço para eliminar essa ordem. Mas igualmente justificada seria a satisfação da burguesia, que defende essa ordem; ela diz: o fato de os menos habilidosos e os mais habilidosos, que fracassaram, resmungarem contra uma ordem que faz com que os mais habilidosos se elevem, não prova nada contra essa ordem. Como o ponto de vista de cada classe expressa apenas sua própria situação, nenhuma delas pode ser considerada objetivamente independente da outra.

Esse estado de coisas é completamente alterado pela ocorrência das crises. Nelas, os defeitos internos do capitalismo emergem como um fato indubitavelmente demonstrável

que todos devem reconhecer. As crises revelam uma contradição interna em sua essência, um absurdo que, como um fato objetivo, não tem nada a ver com opiniões subjetivas, nada a ver com satisfação ou insatisfação.

"Na crise, surge uma epidemia social que em todas as épocas anteriores teria parecido um absurdo - a epidemia de superprodução. A sociedade de repente se vê de volta a um estado de barbárie momentânea: uma fome, uma guerra geral de extermínio parecem ter cortado todo o seu alimento, a indústria e o comércio parecem aniquilados, e por quê? Porque ela tem civilização demais, comida demais, indústria demais, comércio demais".

Com essas palavras, o Manifesto Comunista expressou o absurdo de que, no capitalismo, a abundância traz fome e miséria. É muito compreensível que as crises tenham desempenhado um papel de destaque na crítica socialista ao capitalismo desde o início. Aqui se tinha uma característica objetiva da insustentabilidade da ordem existente; ela não é apenas prejudicial às massas trabalhadoras, mas também é internamente contraditória. Os trabalhadores que querem aboli-la podem invocar razões ainda maiores e melhores do que a insatisfação com sua própria situação; eles estão, portanto, abolindo uma ordem que é insustentável e condenada por suas próprias contradições.

O surgimento de crises, nas quais a verdadeira natureza contraditória do capitalismo emerge como um fato objetivo indiscutível, forneceu aos socialistas as armas mais afiadas para sua crítica ao capitalismo - o Manifesto Comunista e o Anti-Dühring mostram o quanto Marx e Engels valorizavam sua importância teórica. Mas essa importância não se limita à afirmação *de que* o capitalismo é contraditório; a explicação das crises também revela a causa da contradição e mostra o caminho para eliminá-la. Um dos lados da crise é a superprodução; nela, a capacidade do capitalismo de aumentar a produção rapidamente e quase sem medida vem à tona. As forças produtivas à disposição da humanidade cresceram tremendamente sob o capitalismo: com nossos recursos técnicos e nossa capacidade de aumentar o número de máquinas, fábricas e oficinas à vontade em pouco tempo, seria fácil criar abundância para toda a humanidade. Esse maravilhoso poder de expansão da produção, que nos garante a possibilidade de uma ordem econômica sem carência e pobreza, aparece na ascensão do ciclo de negócios durante a prosperidade. Mas por que essa ascensão sempre termina em crise? Porque não é a necessidade real, mas a demanda com poder de compra que

determina as vendas; porque o lucro do capital é a força determinante e o regulador da produção, de modo que, se o poder de compra não se expandir com rapidez suficiente e os lucros forem reduzidos como resultado, a produção será reduzida e, assim, todo o edifício do boom entrará em colapso.

Essa, portanto, é a contradição que emerge nas crises: o fato de as imensas forças produtivas à disposição da humanidade serem colocadas a serviço do lucro privado. Em vez de servir ao grande objetivo de satisfazer todas as necessidades humanas, o desejo de lucro pessoal se torna seu guia, e elas são deixadas em pousio quando nenhum lucro suficiente tenta os capitalistas. As forças produtivas se tornaram grandes demais, enormes demais para a propriedade privada, que é adaptada a condições pequenas e limitadas. No capitalismo, o grande aumento da capacidade produtiva da humanidade está em contradição com a antiga forma de propriedade. Como as forças produtivas não podem ser abandonadas e destruídas, a única solução possível para a contradição é romper seu grilhão, a propriedade privada. Assim, o socialismo toma o lugar do capitalismo.

Assim, as crises, porque elas fornecem a justificativa teórica interna da necessidade do socialismo. Mas uma ordem econômica não pode ser eliminada com provas teóricas; para isso, é necessário um poder material, o poder de uma classe que luta contra ela. A classe trabalhadora luta contra o capitalismo não por causa de deficiências teóricas, mas porque a exploração é intolerável para ela; as crises ocupam um lugar razoavelmente importante entre as forças que a incitam à revolução?

Esse deve ser o caso porque a teoria e a prática estão intimamente ligadas. A teoria do capitalismo é apenas a expressão da experiência de vida do proletariado; todo fenômeno que dá origem a uma crítica séria ao capitalismo deve, ao mesmo tempo, ser sentido pelas massas como um mal grave. As crises estão, de fato, entre os piores males da atual ordem econômica para o proletariado; elas jogam os trabalhadores em massa na calçada, fazem com que o desemprego aumente drasticamente e, portanto, também deprimem os salários. Em épocas de atividade econômica ruim, as vantagens adquiridas na prosperidade muitas vezes são perdidas novamente; muitas vezes os sindicatos só conseguem manter os salários com muita dificuldade, e assim as crises formam o pior obstáculo para um forte aumento regular nas condições de vida dos trabalhadores.

Portanto, há um forte efeito revolucionário nas crises. Se não houvesse a alternância entre prosperidade e crise, haveria uma firmeza agora desconhecida nas relações trabalhistas. Uma pessoa poderia ficar desempregada, mas, via de regra, poderia rapidamente encontrar trabalho novamente, pelo menos se pertencesse aos trabalhadores jovens, fortes e capazes. A exploração levaria a pessoa a lutar, a pobreza a se esforçar para melhorar, mas a insatisfação assumiria o caráter de um desconforto duradouro em vez de uma indignação aguda. Sob a estabilidade das condições, um conservadorismo ossificado dominaria o espírito das classes. Mas se aqui e ali tal coisa se desenvolver, ela será derrubada pelas crises. A alternância entre prosperidade e crise traz consigo uma insegurança geral; todos devem contar com o fato de que hoje, de repente, ele tem a melhor oportunidade de emprego e, em um ano, terá de vagar desempregado por meses com inúmeros colegas. A crise os abala e não permite que surja uma sensação de calma e segurança; a mudança da situação econômica leva a mente a refletir e revoluciona a cabeça. Portanto, são exatamente as crises que contribuem em grande parte para tornar o movimento dos trabalhadores revolucionário e mantê-lo revolucionário. É aí que reside sua grande importância para a prática do socialismo.